

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

TRISTEZAS

Muito pallida, mal agasalhada ella cantava logo de manhãinha, quando as estrellas começavam a perder o seu brilho e nas ruas nascia o movimento. Ha poucos dias vi-a muito pallida, mal agasalhada, tremendo de frio, nos lábios um sorriso triste como o canto da ave a quem roubassem os seus filhinhos, acercando-se dos poucos transeuntes a quem estendia a mão pequenina e desarnada e n'uma melopêa capaz d'enternecer tigres. Ao ver que ninguem d'ella se compadecia, exclamava:—E eu aqui a teritar de frio, e fome, sosinha, sem esperança e sem conforto? Que mal faria eu a Deus para ser tão desgraçada, para não encontrar um coração compadecido que de mim se amercie?!...

O dobre plangente dos sinos recordava-nos que Além, no Infinito desconhecido, alguém esperava as nossas orações, as nossas esmolos, e ella muito pallida, mal agasalhada, tremendo de frio já não tinha nos lábios o triste sorriso da desesperança, mas aos olhos assomaram-lhe copiosas lagrimas que, silenciosamente, deslisavam pelo rosto formoso e soffredor!

Quem sabe? Talvez alguma recordação da mãe que, deixan'lo-a orphã, encontrou na morte o termo do seu soffrer!...

O ceu está plumbeo, ao longe onve-se o ribombar do trovão, o vento levanta turbilhões de pó e para o cemiterio, como para uma romaria, dirigem-se milhares de pessoas, sobraçando flores e corôas, trajan'lo rigoroso luto, indo collocar sobre o tumulo dos entes queridos a expressão da saudade, do soffrimento.

No cemiterio tudo é movimento. O roçagar da seda, a compunção dos semblantes, o perfume das flores, a ornamentação dos jazigos, os milhares de luzes, o cicio das preces, tudo nos obriga á recordação dos queridos mortos, e nos dá a convicção da equaldade além da campa.

E' verdade que ainda lá, n'essa habitacção dos mortos, como um sarcasmo, vemos a opulencia brigando com a intelligencia, quer no luxo das *toilettes*, quer na riqueza dos mausoleus; na sumptuosidade dos adornos ou na profusão das luzes, mas o «*aquí jaz*» é o mesmo: lê-se tanto na fachada das capellas marinóreas, como na cruz singela da campa razea.

Chove: tudo se retira e o cemiterio, ha pouco repleto de pessoas, volta a desfructar o silencio

que lhe é proprio, continua a ser a mansão da morte.

Junto d'uma campa muito pobre, onde mal se divisam quatro flores, *ella* muito pallida e mal agasalhada, o vestido roto encharcado de chuva e lama e as lagrimas correndo-lhe pela face, de joelhos, ora fervorosamente: não sente a chuva que em grossas bategas lhe fustiga o corpo franzino, nem a aterrorisa o silencio, a noite, que se approxima!

E' que n'essa campa humilde repousam os restos de sua mãe, o unico ente que a amou na vida e que morreu de fome, quando já não a podia alimentar; era ella ainda muito pequenina, nem se recordava d'isso. Foi um velhinho, que caridosamente a recolheu e lhe ensinou onde era a campa da mãe, que não havia conhecido, mas que amava muito, muito porque não tinha quem amasse, só lhe restava o abandono e a saudade!

E quem sabe se a lama que lhe manchava o vestido foi lançada pelas patas dos cavallos que iam atrelados ao trem luxuoso de seu pae, que não conhece, mas sabe que é rico, muito rico; que arremessou sua mãe á sepultura abandonando-a depois de a cobrir d'ignominia e que talvez nunca se lembrasse que a pallida e esfarrapada mendiga era sua filha?

Quem sabe?!...

M. ARLO.

AQUI-D'EL-REI, de A. Malheiro

Sei que o progresso para nós caminha,
Que n'un comboio expresso chegará;
E que a republica acenando está
Com lenço perfumado á patria minha.

Sei que a democracia se avizinha,
E se trata por tu com Jehovah;
Com quem vem de carrinho para cá,
Crendo que o Velho Deus a faz Rainha...

Sei que vae pouco e pouco terminando
Tudo que é velho, com a velha lei
D'um governo monarchico, nefando!

Tudo acredito, tudo espero e sei;
O que não imagino é como e quando
Ha de acabar o grito *Aquí-del-Rei*.

Do «Ramo Desfeito», inedito.

A LAGRIMA

A FUGA DAS ANDORINHAS

E' chegado o outomno, o frio pregoeiro do inverno ainda mais frio, ostentando as suas *toilettes* cinzentas de nevoeiros espessos.

As arvores despenem-se da folhagem, que, amarellecida, cahe, arrebatada pela ventania que uiva nos braços nús d'essas arvores, para revolufear em torvelinhos, jucando o solo que vão talvez fecundar.

As andorinhas, em demanda de mais hospitas paragens, onde o clima seja menos rigoroso, cortam, em grandes bandadas o azul do firmamento, soltando magoados pios de adeus, como que despedindo-se de nós até á primavera de que são seguras mensageiras,

E lá vão essas doces nunciãs do bom tempo, em busca d'um céu mais azul onde não haja brumas, dos paizes mais quentes onde a vida lhes seja mais facil e suave e encontrem mais flores que as novas, aqui, não tardarão a destruir.

Elas voltarão a reoccupar os seus ninhos solitarios.

As primeiras neves começam a alvejar nas cumiadas das serras, e o sol é fraquissimo para que cause o desgelo, fazendo deslizar essas neves liquefeitas pelos corregos dos montes, formando ribeiros que iriam engrossar as caudæ dos rios, esses fiefs tributarios dos mares.

O vento esfusã soturnamente nos beiraes dos telhados, entoando canções de desespero que arripiam os nervos e os cabellos.

E nós, desejando a cada um dos nossos queridos leitores um excellente casacão forrado de pelles, pedimos licença para terminar, porque, das mãos entanguidas pelo frio, nos cahe a misera penna com que acabamos de rabiscar o que leram...

A. ESMERIZ,

Que saudade nos invade ar-lazmente a alma ao lembrarmos dos tempos em que o magusto era parte obrigada na *folhinha* dos divertimentos familiares!

Não ha ahi no concelho casa acorncundada pelos annos que não tenha servido submissa aos folgares magusteiros.

Quem tenha os cabellos cor de sóbo, ou a careca ensebada, não pôde deixar de despenher pela cara abaixo lagrimas tristissimas ao recordar-se do apertão de carnes dado á muito querida, á muito amada, tingida então pelos reflexos avermelhados da fogueira crepitante em que as castanhas estoiravam como bombas.

Os magustos, nas aldeias, eram feitos na eira de pedra.

Um molho de plumã: um cesto de castanhas; um cantaro do roxo, e uma gamella servindo de

copo—eram *metralha* sufficiente para que o estouro da castanha se confundisse com o do feijo, dando entre rôlos de fumo...

Depois da fogueira espalnar os ares, formavam-lhe circo, assentados em pedras, os convidados e a familia promotora. O regedor, de collarinhos de *dois andares*; o padre cura, de chapéu desabapo com cara de frade jantado,—eram partes obrigadas como o vinho.

Depois que o tinto começava a cahir, assim como um diluvio santo, no lastro castanheiro—principiava tambem a festa a ter arrebiques de graça, prolongando-se noite em fóra com danças sapateadas e cantadas.

Hoje vae esquecenlo a velha usança, e até ferria de todo desaparecerlo, em Barcellos, se alguns patricios lhe não dessem um cunho vigorosamente valoroso. Referimo-nos a dois membros da meza do Terço: João Duarte e Caroga.

Descrevamos a sympathica festa.

Em logar aguçado pelo vento norte e recebendo o ultimo a leus do sol, realizou-se a magustada. O Caroga tinha á direita o seu amigo Duarte e á esquerda o servo da confraria. Um rule cantaro de Gallegos, de bojo grave, segurava uma dose violenta do novo. Os tres membros pozavam em cima de tres respeitaveis pedras, de *fibras* asperas. Em frente delles o terrivel elemento punha comiueis as castanhas, mexidas de vez em quando com arte, pelo sachristão, que de bengala desmedida e desformada, tomava ares respeitosos, proprio de quem está diante de superiores.

O Caroga punha a carroça do seu ideal á disposição da pilheria e João Duarte piscava um olho, e abria a bocca até deixar ver os ultimos queixæes, brancos da cor do leite, em gargalhadas vidrinas.

No fim o Caroga, num rasgo de patriotismo brindou ao seu particular e bonzoso amigo, ali chorado, *Barilió-barbeiro*, que desejava tel-o ao seu lado, e num enthusiasmo febril levou dezenas de vezes a malga exemplar a bocca—em que o *tintoso* escorregava soturna e silenciosamente, até desaparecer lá em baixo no ventre do illustre filho de Fão.

E assim terminou um fim de tarde tão bem vivido, no meio da melhor ordem... a não ser um melonho, vendavalesco, mas amigavel sócco, que o João Duarte despejou nos costados do Caroga.

Entrou um grupo de rapazes de *Salé* pelo café do Mattos dentro, uma noite destas, na occasião que a affluencia de frequentadores era enorme. O Mattos—com as barbas descidas, em desalinho, a encobrirem-lhe a brancura da camiza—todo ouvidos, todo attensões, andava numa *fôna*, num corropio, servindo, de chapéu na cabeça, o *povileu* em sussurro aberto. Numa das occasiões que elle chegava ao recinto onde as bebidas de diffo

A LAGRIMA

rentes côres, *feridas* pela luz petrolenta provocam olhares cubicosos, um dos do grupo barcellineiro pediu-lhe uma cerveja. Era o Paulo Marchante.

Foi-lhe servida a refrigerante bebragem, que deslombrou espuma irisante pelo copo crystallino.

Paulo levou-a á bocca e bebeu uns gollos. Immediatamente contorceu os musculos e deixou vêr distinctamente no rosto a impressão de qualquer coisa desagradavel e virando-se para o servidor:

—ôO' sr. Matlos, o sr. então me vendeu uma cerveja estragada? Prove. Observe que amargor... Parece fel.

Dois mestres de carpinteiro iam desprendidamente, ha alguns dias, relombrando-se dos nomes de cada lado do polygono, pela ala central do jardim publico. Fallavam muito alto:

—*Elle é pentágono; elle é dodecágono; elle é decágono...*

Um delles entrou no urinol—para satisfazer a uma destas necessidades que Deus impoz ao homem mesmo em antes de Eva tocar no *fructo* prohibido—e do *dentro* fallava para o companheiro que o esperava:

—Eu parece-me que é decagôno e não decágono...

O jardineiro percebendo mal, ou soando-lhe mal aquellas palavras:

—O sr. veja lá o que faz ahi dentro. Olhe que isso não é nenhuma necessaria...

A' porta da Associação dos Bombeiros cavaveva-se, domingo a respeito de *monotonia*. Dizia-se: que Famação offerecia como Barcellos, aos domingos, a mesma samsaborice. Alguem lembrou que havia nesta villa muitas distrações. Os seus arrabaldes, o seu rio, a sua ponte, davam alimento demasiado para o espirito se gastar em distracção.

O Sardinha, porém, obtemperou—o que não ia á ponte ou a outros pontos pincturescos por não saber fazer versos.

Para um individuo ser poeta é necessario sentir profundamente o que canta, para poder traduzir ou descrever a impressão ou commoção que o anima.

Ha, todavia, espiritos que sentem e se impressionam extraordinariamente comprehendendo toda a sublinidade do bello, sem todavia poderem traduzir as suas impressões. Esses podem chamar-se, creio já o ter lido, poetas *passivos*. Recebem a impressão sem a saberem ou poderem communicar ou transmittir.

O Sardinha porém não *sente* porque não sabe fazer versos.

Não tem sentimentos... acabou-se.

Com o n.º 21 da 2.ª companhia, teve ali o 2.º batalhão do 20, ha quatro annos, um corneta exemplar, que tinha o defeito de ser guloso. Quando as praças retiravam da parade com o rancho suspenso das mãos e se sentavam nas suas caixas ou em cima da cama para o saborearem, o nosso heroe sabendo que elle tinha sopas de trigo ia, de colher em punho, visitar, tambem as marmitas dos camaradas...

Um dia um correccional malicioso chamou o 21 e metteu-lhe na bocca uma sopa enorme; no dia seguinte foi o corneta ao *vêso*; abriu a bocca deante do bemfeitor, da vespera, e recebeu uma grande colherada.

Mastigou, tornou a mastigar, deixando escorrer pelos queixos uma agudilha branca, e de repente sente um sabôr estranho e arremessou ao chão a *dadiva*...

Era uma esponja embebida em greda de branquear as correias...

Ahi vae a carta que aqui annunciamos publicar. Foi dirigida a uma dama barcellense pelo conspicuo Antonio Paes de Faria, seu auctor:

*Exm.ª Sr. D. ***—Na noite passada senti-me abrazado profundamente por esse amor puro e leal que na imagem encantadora de Vça Exm.ª fez despertar o apoder das minhas ideias. Quando a ventura me conceda esse amor fará-me desditoso; a mim muito me custa sair d'esta risosinha e pacata terra para me espelar no Porto a onde esperareei receber as suas muito estimaveis ordens que me parece dar i-me melhor vida e alento. Oxalá que assim seja que será uma grande ventura para nós os dois, porque a classe pharmaceutica está hoje a progredir muito na sua illustração porque tambem é muito sabia: é a ella a que eu aspiro e sel-o. Eu em antes de me retirar muito desejava receber as suas muito estimaveis ordens, eu em prova de tanta amizade lhe deixo o meo cartão.*

Duas creanças, das mais gentis e fidalgas de Barcellos, vão confessar-se pela primeira vez.

A Mãe—uma santa e virtuosa senhora—prepara-os para esse acto solemmissimo e, chamando o mais novo de perto, disse-lhe:

—Has de pedir a Deus nas tuas orações que dê juízo a teu irmão, que lhe illumine a cabeça...

No dia seguinte lá estavam os dois religiosamente postudos na egreja Matriz—o mais novo com desusada attenção. Passado tempo dirigese este a passos largos para sua Mãe e segreda-lhe:

—ôSabe o que estive a fazer?

A LAGRIMA

—«A preparar-te para receberes o Senhor, é claro, retorqui-lhe a Mãe.»

—«Pois não foi isso, objecta-lhe elle, estive a pedir a Deus que abrisse a cabeça a meu irmão...»

Ha ali proximo ao cemiterio umas *almofas* onde se lê: «Lembrae-vos de nós», etc. A gente lembra-se logo mas é do artista que as pintou, que precisava com uma tranca, por nos dar a entender que nós, os humanos, descendemos do macaco.

Ha cada darwinista na Arte...

NOTICIAS DIVERSAS

Ha individuos que tem pessima calligraphia para encobrirem os erros orthographicos—mas ainda assim se descobrem nos seus escriptos destas bellezas—*cuatro*.

Crúzes...

* No Campo da Feira:

—Oh! meu illustrado e prestimoso amigo, deixe-me apertal-o contra mim; oh! que satisfação experimento por tornar a encontral-o; que boas cores; felicito-o. Desculp-me sr. Gonçalo Pereira, tomei-o pelo meu bom amigo Francisco de Souza Caravana...

* Na rua Barjona de Freitas:

—A grammatica é coisa muito boa para se escrever e fallar.

—Ah! e levando cominhos, salpicão ás rodellas, um osso com um bocacado de ranço...

—...? O am.º em que julga que lhe fallei?

—Então não fallou em papas de sarrabulho.

* «Quanto mais sei, dizia um sabio, mais sei que não sei nada»; mas quando um individuo não sabe, assigna outro a rãgo...

* Entre caçadores, no largo José Novaes:

—... E' uma espingarda de cauo curto mas que corta longe.

—Pois eu ponho-me diante della á distancia de cinco passos, embora esteja bem carregada, sem receio de ser alvejado, sen lo atirador—o Juca, ourives.

Conta-se do nosso confidenciaal amigo Juca uma partida muito boa. Andava elle á caça e descobriu um *melro* pousado num pinheiro; sem tempo para mais encosta no hombro a coronha, puxa o gatilho e o tiro parte, cahindo-lhe redondamente aos pés uma pinha...

A rua da Estrada em reboliço de susto.

As ultimas noites de trovoadas, entrecrusadas de faiscas e varridas de vento penetrante, puzeram stygmas de medo nas gentes barcellenoses.

A mais soffredora foi uma pobre mulher da rua da Estrada—de espirito achacado por corredores e feiteceiras—que acordon uma dessas noites dominada por um susto terrivel.

Era uma hora da noite, na porta da rua alquem tentava entrar fazendo *buracos*. Sem tempo para mais a mulher levantou-se da cama o foi, tateando, até á janella gritar—Ladrões! ladrões! Soccorro! soccorro!

«As mães que o terrivel grito escutaram, de baixo das mantas se abrigaram.»

Ninguem apparecia na rua a disputar forças; acobardavam-se todos detraz das portas, ou, quando muito, espreitavam desconfiados, pelos vidros das janellas.

No interior das casas desenhavam-se medos, curiosos.

No meio disto houve unicamente um heroe—o sapateiro João Ferreira—que em fralda, com



uma tranca na mão—ameaçou a terra, o mar e o mundo,—e sem atavios foi corajosamente averiguar o caso. Foi coisa simples: a mulher em questão tem um gato, este, como todos os felinos, não consente agua pelas orelhas, por isso, como chovia, procurava, esgatanhando na porta, chamar pela dona para que lha abrisse.

... Se os ladrões soubessem que a mulher, em acção, vende farrapos—então ainda se arriscariam a um roubo...

No bolso das calças dum creado de servir, desta villa, foi encontrada uma carta com seguintes dizeres:

*Pal pit and oem teg redo
Ome uo raç ãom ediz
Qu ena voss a co mpa nh ia
Bid evi ras erf eliz.*

Atenção — No proximo n.º da «Lagrima» publicaremos o nome dos assignantes caloteiros...